

ODISSEIA

Homero



Adaptação de Geraldine McCaughrean

Ilustrações de Victor G. Ambrus

Tradução de Marcos Bagno

Altamente recomendável – FNLIJ

ea
editora ática

Título original: *The Odyssey*
 Título da edição brasileira: *A Odisseia*
 Text © Geraldine McCaughrean, 1993
 Illustrations © Victor Ambrus, 1993

This translation of *The Odyssey* originally published in English in 1993 is published by arrangement with Oxford University Press.

Esta tradução da Odisseia, originalmente publicada em inglês em 1993, é publicada mediante acordo firmado com a Oxford University Press.

Edição brasileira

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Carmen Campos
Editor assistente	Roberto Homem de Mello
Preparadora	Maria Sylvia Corrêa
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cátia de Almeida

ARTE

Projeto gráfico e diagramação	Marcos Lisboa
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoração eletrônica	Studio 3 Desenvolvimento Editorial
	Eduardo Rodrigues
Edição eletrônica de imagens	Cesar Wolf

Seção “Por trás da história”

Textos	Jurema Aprile
Pesquisa iconográfica	Sílvio Kligin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
 SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M429o

McCaughrean, Geraldine, 1951-
 Odisseia / Homero ; adaptação: Geraldine McCaughrean ;
 tradução: Marcos Bagno ; ilustrações: Victor G. Ambrus. - 1.ed. -
 São Paulo : Ática, 2003.
 136p. : il. - (O Tesouro dos Clássicos Juvenil)

Adaptação de: Odisseia / Homero
 Contém suplemento de leitura
 ISBN 978-85-08-08692-4

I. Mitologia grega - Literatura infantojuvenil. I. Homero. Odisseia. II. Bagno, Marcos, 1961-. III. Ambrus, Victor G., 1935-. IV. Título. V. Série.

10-2566.

CDD: 028.5
 CDU: 087.5

ISBN 0 19 274183-7 (ed. original)
 ISBN 978 85 08 08692-4 (aluno)
 ISBN 978 85 08 08693-1 (professor)

2013

1ª edição

12ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2003
 Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
 Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
 www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



SUMÁRIO

Com a grandeza do mar	5
1. Saudade de casa	9
2. O ciclope Polifemo.....	19
3. Eólia e Lestrigônia	35
4. Circe, a feiticeira	51
5. Um vivo entre os mortos.....	61
6. Belas e feras	69
7. Na Ilha do Sol	81
8. Três mulheres atentas.....	95
9. A vingança de Posêidon	105
10. Um marido para Penélope.....	117
Por trás da história	129

APRESENTAÇÃO

Com a grandeza do mar

Ana Maria Machado

É muito bom que hoje em dia existam boas adaptações da *Odisseia* ao alcance dos leitores jovens. Eu não tive essa sorte. Só fui ler a obra de Homero quando já estava na faculdade — e em versão integral. Apaixonei-me por ela, numa história de releituras que vem me acompanhando pela vida afora. Aliás, meu primeiro romance para adultos, *Alice e Ulisses*, foi diretamente inspirado por esse fascinante herói (que os gregos chamavam de Odisseu): inteligente, corajoso, disposto a se meter em tudo o que é aventura, mas o tempo todo pensando em voltar para casa.

Mas quem pode ler desde cedo uma boa adaptação da *Odisseia*, como esta aqui, já começa sua vida leitora levando uma vantagem enorme. Tem muito mais condições de ficar logo íntimo de Odisseu (ou Ulisses, não importa como o chame), ao acompanhar suas aventuras.

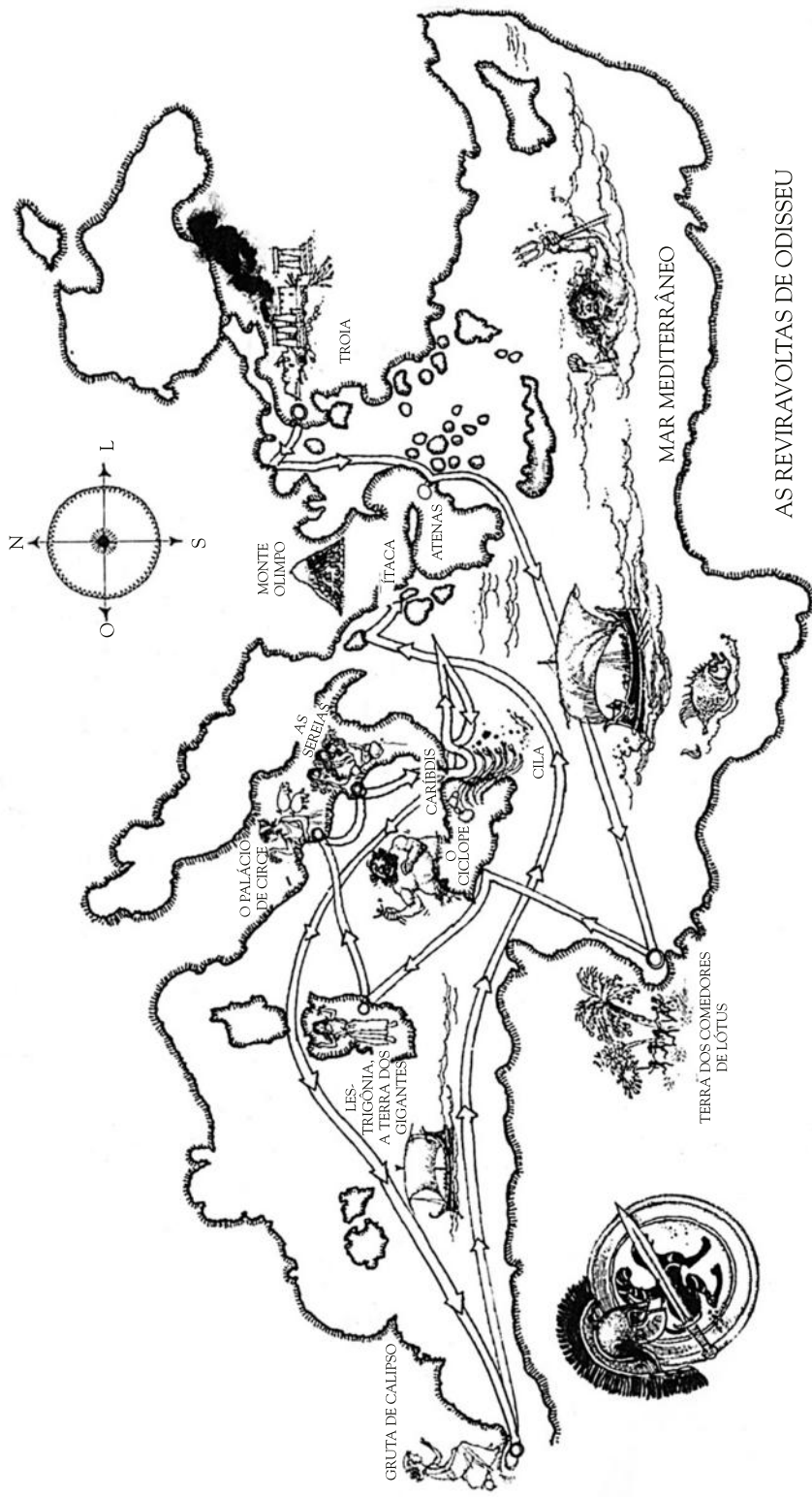
Esse herói tem uma característica que o distingue de maneira muito marcante: a astúcia. Ele não é apenas muito corajoso, como tantos outros, mas é arguto, sagaz, cheio de recursos inteligentes. Ao se meter numa situação, parece que está prevendo o que pode acontecer depois. Por isso, diz a Polifemo que seu nome é Ninguém e depois leva adiante o plano de fuga que permite salvar vários companheiros. Sendo bem informado, na Terra dos Comedores de Lótus logo percebe qual é o perigo real, e na ilha de Circe é capaz de se defender da feiticeira com um antídoto. Ousa ouvir o canto das sereias, porque se protege de tal maneira que elas não conseguem destruí-lo. Ao chegar em casa, faz o mais difícil: sabe controlar a própria fúria e esperar o momento propício de se revelar. Ou seja, apesar

de sua ousadia e de suas bravatas, a esperteza de Odisseu acaba sempre funcionando em sua defesa.

Outra característica que ficou muito famosa em Odisseu foi sua fidelidade à esposa. Seu objetivo é voltar para junto dela e, por isso, ele é capaz de abandonar situações tentadoras como a da ilha de Circe ou os braços de Calipso. Mas, na verdade, quem foi realmente fiel foi Penélope, que esperou pelo marido durante 18 anos e não cedeu a tantos pretendentes que a assediaram.

Talvez, porém, o aspecto mais marcante dessa história seja a encarnação da ideia grega de fatalidade. A noção de que o ser humano é um joguete do destino, um brinquedo dos deuses. E quando um dos deuses é Posêidon, entram em cena todos os mistérios e poderes do mar — afinal de contas, o maior personagem do livro, com sua grandeza e vastidão, com seus abismos insondáveis.

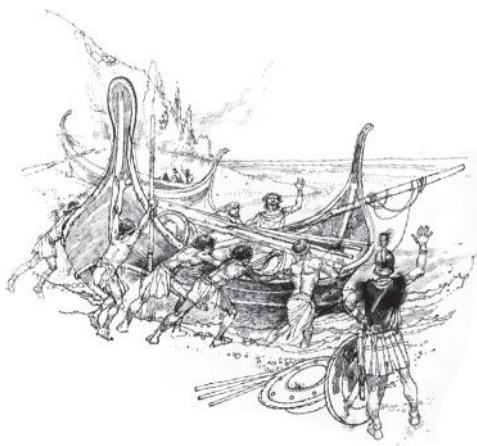
Odisseia é uma das obras mais importantes da literatura universal. Durante muito tempo, nem ao menos foi escrita, mas era um longo poema, repetido oralmente, cantado de cidade em cidade por poetas itinerantes, os aedos. Só depois de sobreviver alguns séculos dessa forma é que seus versos foram registrados, quando o alfabeto foi introduzido na cultura grega e isso se tornou possível. É uma das mais antigas e mais belas narrativas humanas, uma história fundadora, que lançou as bases de toda a literatura ocidental. Continua emocionante até hoje, encantando leitores de todas as idades, e nos transportando a um tempo que pode ser muito antigo mas já anunciava verdades e sentimentos eternos. Obra feita de palavras, durou muito mais que os templos de mármore e os palácios de pedra em que viveram os antigos gregos. E se oferece a nós a cada dia, sempre pronta a ser novamente habitada.



AS REVIRAVOLTAS DE ODISSEU



Saudade de casa



A guerra tinha durado muito, muito tempo. Então, de repente, ela terminou numa centelha de fogo, num jorro de sangue e num tropel de cavalos. À beira-mar se reuniam grupos de homens, cujos barcos tinham balançado preguiçosamente durante mil marés na baía de Troia.

Havia muitos rostos ausentes, muitos remos sem remadores depois de dez anos de guerra. Mas aqueles que desdobravam suas velas, posicionavam seus remos e ajustavam os lemes estavam alegres. Seus mastros foram suspensos com os símbolos da vitória e seus porões estavam repletos do ouro e do vinho de Troia. Melhor de tudo, estavam indo para casa.

Para casa! Para mulheres que eles não viam há dez anos, para filhos que tinham passado de meninos a homens feitos, para filhas que tinham deixado de ser bebês para se tornar belas jovens, para fazendas que permaneceram descuidadas e incultas por dez verões abrasadores. Umas poucas remadas e eles estariam em casa — todos aqueles homens que tinham respondido ao chamado da guerra, convocados em cada ilha e cada praia daquele oceano circular.

Os longos navios velozes eram empurrados da areia e do cascalho para dentro da água mais funda. Os amigos, com água pela cintura, acenavam, acenavam, acenavam:

- Até mais ver, Nestor!
- Até mais ver, Menelau!
- Até mais ver, bravo Mirmídones!
- Boa viagem, Odisseu!

Odisseu sentiu a areia e o cascalho raspar contra o fundo de seu navio. Em seguida, ao ouvir a espuma branca bater contra a proa e o estalar da vela que se enfunava, ele se inclinou sobre o leme e desviou o olhar da linha costeira e das ruínas fumegantes de Troia. Estava de regresso ao seu reino de Ítaca, formado de três ilhas. Seu mascote, um galo novo, cantou triunfalmente sobre o parapeito da popa.

Agrupados atrás de seu navio negro e veloz, como pequenos cisnes atrás de sua mãe, vinham outros onze barcos, todos tripulados por homens de Ítaca, de Cefalônia e de Zante, a ilha coberta de florestas. No começo, as remadas foram terríveis. Seus remos batiam descompassados pela falta de prática e seus ombros ardiavam sob o sol de Troia. Mas gradualmente encontraram um ritmo — uma remada, um grunhido e um suspiro.

— Seu filho agora deve ser um belo rapaz, capitão — disse Polites.

— Onze anos! Quase onze! Ele era apenas um bebê quando saí de Ítaca. De nada pude valer à mãe dele, já que a deixei sozinha para cuidar de tudo.

— Sim, capitão, mas que mulher! Uma mulher que nunca soube o que é impaciência!

Odisseu contemplou a distância com um olhar perdido.

— É verdade, Polites, que mulher!

Da janela mais alta do palácio de Pelicata, os olhos de Penélope, rainha de Ítaca e mulher de Odisseu, vasculhavam o oceano riscado de ondas. Uma sombra escura capturou seu olhar, lá longe, bem longe mar adentro. No mesmo instante, ela se debruçou na janela e suas mãos mergulharam na vasta parreira que forrava a parede externa do palácio.

— Odisseu! Odisseu!

Sua voz ecoou pelos pátios vazios e rolou penhasco abaixo. Telêmaco, seu filho, interrompeu o treino de arco e flecha e correu para casa.

Mas era apenas a sombra de uma nuvem levada pelo vento, e navio nenhum. Penélope apertou o rosto contra a pedra fria da moldura da janela e controlou a respiração. Atrás dela, Telêmaco irrompia quarto adentro:

— É ele, mãe? É meu pai que está voltando da guerra?

Penélope se afastou da janela, sorrindo:

— Ainda não, Telêmaco. Eu me enganei. Ainda não foi desta vez.

Uma súbita brisa soprou. As brisas se reuniram num vento. O vento se contorceu num vendaval veloz, e o vendaval rodopiou até se tornar um frenesi. As ondas faziam malabarismos com os doze navios de Odisseu: os que eram erguidos pelas cristas e os que eram puxados para baixo colidiam casco com casco enquanto subiam e desciam. Os tripulantes olharam aterrorizados para seus companheiros e todos se viram por um momento contra um céu furioso de raios; no instante seguinte, estavam num vale de brilhante água escura e, logo, envoltos em nuvens de espuma. Ergueram os remos, mas foram lentos demais para baixar as velas, que se rasgaram em pedaços. Seus panos foram tão retorcidos pelo vento que os cordões quase estrangulavam os marujos. Duzentas vozes chamaram pelos deuses, e as

preces deslizaram como gaivotas sobre o mar tempestuoso. Por nove dias e nove noites, comeram pão empapado e beberam água da chuva, recolhendo-a com as mãos dos porões dos navios.

— Terra!

— Onde? Você está mentindo!

— Lá! Lá!

— É uma nuvem!

— É um recife!

— É uma ilha!

— Seremos levados para longe dela!

— Seremos arremessados contra ela!

— Seremos esmagados!

— Seremos salvos — disse Odisseu em voz baixa e calma —, e devemos agradecer aos deuses por isso.

Era mesmo o caso de agradecer aos deuses. A tempestade cessou num instante, e eles se viram numa praia ensolarada de areias brancas. Dispersos como restos de um naufrágio, os doze navios estavam virados de lado, enquanto o mar roçava seus ventres bojudos. Os marujos se apinhavam sobre a areia, e a maioria adormeceu.

— Podemos sair à procura de comida? — perguntou Euríloco.

— Não querem descansar? — disse Odisseu, surpreso.

— Tenho mulher e seis filhas à minha espera em casa, e não tenho a intenção de fazê-las esperar mais do que o necessário, capitão. Já fiquei longe por dez anos.

— Muito bem. Mas vá com cuidado. Leve só vinte homens com você: não quero que os habitantes da ilha pensem que somos uma força invasora... e não se metam em nenhuma briga.

Voltando pra casa



Odisseu, por sua parte, estava ansioso por inspecionar os navios e verificar os danos. Assim, Euríloco escolheu os homens e se embrenhou terra adentro em busca de comida e água potável. O sol poente rasgava uma ferida rubra no céu. A noite tingiu-a de preto. Mas Euríloco ainda não tinha retornado.

Odisseu esperou as primeiras luzes para começar a busca. Deixando os navios bem guardados, levou cinquenta homens para o interior da ilha, através de uma floresta densa e luxuriante. Folhas aveludadas e succulentas tocavam seus rostos. Flores de aroma doce se inclinavam, pesadas de tanto néctar, e salpicavam pólen no cabelo dos homens. Havia o murmúrio de água corrente, e das moitas douradas corças de olhos negros espia-vam os recém-chegados.

— Como poderia haver perigos num lugar como este? — sussurrou Polites por sobre o ombro de Odisseu.

O rei de Ítaca nada disse, mas os pelos de sua nuca se arrepiaram. Tendo percorrido pouco mais de uma milha da trilha verde e sombreada, eles foram surpreendidos por uma clareira luminosa, onde as águas refletiam o brilho do sol. Em torno do lago havia uma aldeia. À sombra dos telhados feitos de folhas de palmeira, com seus cinturões desafivelados, Euríloco e seus homens estavam deitados, ao lado de um bando de aldeões nus. Todos os jovens nativos, rapazes e moças, tinham longos e espessos cabelos, que se derramavam sobre seus ombros e sobre os hóspedes deitados na relva. Estavam servindo a seus visitantes frutos tirados de bacias de madeira e, avistando Odisseu, puseram-se de pé; sorrindo, correram, agarraram os recém-chegados e os empurraram na direção da sombra. Suas mãos eram da mesma cor das castanhas, e sua pele tão pegajosa quanto os botões da